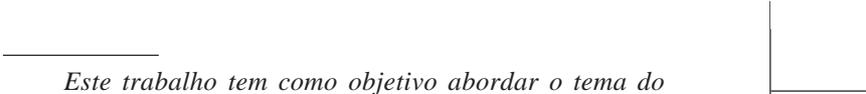


## Afeto e discurso racistas\*

Carlos Augusto Peixoto Junior



*Este trabalho tem como objetivo abordar o tema do racismo através de uma análise que procura enfatizar seus aspectos discursivo e afetivo. Neste sentido, recorreremos às teses de pensadores como Hannah Arendt e Michel Foucault para fundamentar uma perspectiva histórico-filosófica sobre o discurso racista, e ao enfoque psicanalítico para caracterizar as diferentes formas de expressão do ódio racista.*

\* Trabalho apresentado no III Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, São Paulo/1998, como parte da mesa de discussões sobre “O discurso perverso e o preconceito”.



---

Considerando que a discussão sobre o racismo não é um tema especificamente psicanalítico ou restrito ao domínio da psicopatologia – ainda que o consideremos uma das formações mais exemplares do discurso psicopatológico perverso – gostaria de iniciar esta intervenção abordando rapidamente um pouco das dimensões histórico-filosóficas do fenômeno para, em seguida, passar a algumas breves hipóteses sobre a afetividade racista. Tomando o nazismo como exemplo histórico de um Estado racista fundamentalmente homicida, notamos, como nos mostrou Hannah Arendt<sup>1</sup>, que se sua máquina de guerra já funcionava muito antes de 1939 era porque Hitler previa que na guerra política o racismo seria um aliado mais forte na conquista de simpatizantes do que qualquer outro agente ou organização social. Evidentemente, os nazistas sabiam muito bem que o melhor meio de propagar suas idéias estava numa política racial, da qual, a despeito de várias outras concessões, nunca chegaram nem mesmo a pensar em se afastar. Embora o racismo não fosse uma arma nova nem secreta, nunca tinha sido usada antes de forma tão meticulosa e coerente na disseminação da morte.

De acordo com Arendt, o racismo do século XX conseguiu absorver todos os antigos pensamentos racistas, que por si mesmos nunca tinham sido capazes de se transformar propriamente numa ideologia, porque as opiniões racistas até então eram julgadas por critérios de razão política. E a ideologia difere da simples opinião porque se pretende detentora da chave da história, neste caso encontrada na questão racial, que passa

---

1. H. Arendt. *Origens do totalitarismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 188.

a ser mantida e aperfeiçoada como arma política e não apenas como doutrina teórica. Foi assim portanto, que a ideologia racial passou a acompanhar o desenvolvimento da comunidade das nações européias até se transformar em instrumento de destruição destas nações. Esta essência fundamentalmente destrutiva, ressalta o aspecto equivocado da noção que faz do racismo uma espécie de nacionalismo exacerbado, à medida que este na verdade não passa de uma de suas mais respeitáveis máscaras. Ainda que historicamente os racistas assumissem posições aparentemente ultranacionalistas, eles acabaram por ser “piores patriotas que os representantes de todas as outras ideologias internacionais; foram os únicos que negaram o princípio sobre o qual se constroem as organizações nacionais de povos – o princípio de igualdade e solidariedade de todos os povos, garantido pela idéia de humanidade”<sup>2</sup>. É justamente este absoluto desprezo pelo fator humano, que pretendo caracterizar mais adiante como um dos traços fundamentais da afetividade racista perversa.

Adotando uma perspectiva histórica mais genealógica, Michel Foucault, em conferências proferidas no College de France no ano de 1976, retrata o racismo concentrando sua artilharia na retomada do tema da luta entre as raças pela teoria do evolucionismo e da luta pela vida. Ele procura mostrar como, nestas condições, nasce e se desenvolve um racismo biológico-social fundado sobre a idéia – que por ser absolutamente nova faz com que o discurso racista funcione de um modo diferente – segundo a qual a outra raça não é só a que chegou de fora e dominou por um determinado tempo, mas aquela que de modo permanente e incessante se infiltra no tecido do corpo social reproduzindo-se dentro dele ininterruptamente. Daí em diante, “o que na sociedade aparece como polaridade, como fratura binária não seria tanto o enfrentamento entre duas raças estranhas uma à outra, mas o desdobramento de uma única e mesma raça em uma super-raça e uma sub-raça.”<sup>3</sup>

Conseqüentemente, o discurso da luta de raças que quando começou a funcionar no século XVII constituía basicamente um instrumento de luta para campos descentrados, será recentrado e se converterá em discurso de um poder centralizado e centralizador, que conduzirá um combate não entre duas raças, mas entre uma raça proposta como verdadeira e única (a que detém o poder e a norma) e aqueles que constituem um perigo para o patrimônio biológico. Neste momento aparecem os discursos biológico-racistas sobre a degeneração, e todas as instituições que fazem funcionar no corpo social o discurso da luta de raças como princípio de segregação, eliminação e normalização da sociedade. Trata-

2. Idem, p. 191.

3. M. Foucault. *Genealogia del racismo*. Madrid, Ediciones de la Piqueta, 1992, p. 70.

se, então, de defender a sociedade contra todos os perigos biológicos de uma determinada raça, daquela sub-raça que, apesar de inúmeras adversidades, insiste em se constituir. A temática racista, portanto, serve neste momento à estratégia global dos conservadorismos sociais, que acaba desembocando num racismo de Estado que a sociedade exerce contra si mesma, contra seus próprios elementos, contra seus próprios produtos de um racismo interno – o da purificação permanente – que se torna uma das dimensões essenciais da normalização social.

Na visão foucaultiana, uma das condições que permitiram o advento do racismo pode ser encontrada num fenômeno fundamental do século XIX, aquele no qual o poder passa a se encarregar da vida. Trata-se de uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, ou seja, de uma tendência que conduz a estatização do biológico. Mas se esta tecnologia do poder tem como objeto e objetivo a vida, como será exercido o direito de matar e a função homicida? Se o que se quer é potencializar a vida, prolongando sua duração, multiplicando suas probabilidades, evitando acidentes e compensando déficits, como se pode exigir a morte expondo-a não apenas aos inimigos, mas também aos aliados? Resumindo, como um poder que consiste em fazer viver pode deixar morrer? É justamente isso que o racismo possibilita, afirma Foucault, pois embora ele já existisse há muito tempo em outras esferas, o que permitiu sua inscrição nos mecanismos de Estado foi justamente a emergência do biopoder. Este é o momento em que o racismo se insere como mecanismo básico do poder tal como ele se exerce nos Estados modernos.

No âmbito desta vida que o poder tomou sob sua gestão, o racismo é o modo pelo qual se introduz uma ruptura entre o que deve viver e o que deve morrer. “A partir do *continuum* biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção entre raças, a hierarquia das raças, a qualificação de algumas raças como boas e outras como inferiores, será um modo de fragmentar o campo do biológico que o poder tomou sob seu encargo, será uma maneira de produzir um desequilíbrio entre os grupos que constituem a população”.<sup>4</sup> Isto permite ao poder tratá-la como uma mistura de raças dividindo a espécie em subgrupos. Além desta função de fragmentação da continuidade biológica que o biopoder pretende gerir, o racismo também possibilita o estabelecimento de uma relação positiva entre vida e morte, do tipo *se queres viver o outro deve morrer*, que é compatível com o exercício do poder. Esta relação positiva constitui o fundamento de teses que defendem o desaparecimento das espécies inferiores, compostas por indivíduos anormais, em benefício da proliferação dos mais fortes e vigorosos, decorrente da queda no nível de degeneração da espécie. Neste caso,

4. Idem, p. 264.

a morte do outro não coincide apenas com a minha vida e minha segurança pessoal, o que poderia tipificar uma atividade propriamente guerreira de um povo, mas é o que tornará a vida mais pura e mais sadia.

O racismo assegura, portanto, a função da morte na economia do biopoder, sobre o princípio de que a morte do outro equivale ao reforçamento biológico de si mesmo como membro de uma raça ou de uma população, como elemento de uma pluralidade coerente e viva. Em caso de guerra, por exemplo, trata-se de destruir não apenas o adversário político, mas a raça adversária, essa espécie de perigo biológico insistentemente ameaçador. Assim, a guerra não é apenas um modo de reforçar a própria raça pela eliminação da raça adversária (de acordo com a seleção e a luta pela vida), mas também um modo de regenerar a própria raça.

Estas são as hipóteses fundamentais que levam Foucault a afirmar que, numa sociedade de normalização, raça e racismo são a condição de aceitação do ato de matar, pois desde que o Estado funcione sobre a base do biopoder, sua função homicida só pode ser assegurada pelo discurso racista, que representa a condição sob a qual se pode exercer o direito de matar. Obviamente o termo matar, insistentemente empregado neste contexto, não significa somente o assassinato direto, mas também todo e qualquer tipo de morte indireta entre os quais encontram-se a exposição à morte, a multiplicação de seu risco ou, mais simplesmente, a morte política. Para Foucault, diferentemente de Hannah Arendt, a especificidade do racismo moderno não está exatamente ligada a ideologias ou mentalidades, mas à tecnologia do poder. Trata-se de algo que se afasta cada vez mais da guerra entre raças e desta forma de inteligibilidade histórica que a perpassa, inserindo-se num mecanismo que permite o exercício do biopoder. Nesta perspectiva, “o racismo está, portanto, ligado ao funcionamento de um Estado que encontra-se obrigado a se servir da raça, de sua purificação ou de sua eliminação para exercer seu poder soberano”<sup>5</sup>. Como se vê, estaríamos muito distantes do racismo como simples e tradicional desprezo ou ódio de determinadas raças por outras.

Mas então o que dizer sobre o afeto racista, considerando que o ódio seja a sua manifestação fundamental? Assim como o discurso, o afeto racista também é bastante complexo e é preciso considerá-lo com atenção, promovendo algumas pequenas distinções. Como acabamos de observar, o racismo não se reduz necessariamente ao ódio, já que ele pode mostrar-se tão distante de qualquer afeto que a noção de uma subjetividade racista parece dever ser descartada para dar conta de sua experiência histórica ou de alguns de seus aspectos. Um outro

5. Idem, p. 268.

exemplo desta possibilidade nos é fornecido pelo que os americanos chamaram, nos anos 60, de “racismo institucional”, tema polêmico e freqüentemente criticado<sup>6</sup>, que designa um conjunto de atos enraizados em práticas rotineiras ou inscritos no funcionamento das instituições, que permitem manter uma raça num estatuto de inferioridade e de exclusão sem que o menor traço de racismo aflore na consciência daqueles que o praticam. Este seria, portanto, mais um exemplo de racismo como simples atributo do sistema ou da estrutura social. Assim, não há dúvida de que o racismo não precisa do ódio para se desenvolver, até mesmo porque ele pode se contentar com o simples desprezo ou condescendência, misturando-se a preconceitos dos quais o ódio estaria excluído, e funcionar de modo a assegurar de maneira estrita, por exemplo, a exploração de um grupo humano em nome de seus atributos físicos. Mas é certo também que o ódio não está totalmente excluído do discurso racista, e, neste caso, torna-se importante defini-lo de maneira mais precisa no domínio do que chamo de afetividade racista.

Para isto, sirvo-me aqui de algumas indicações fornecidas por Michel Wieviorka, autor de *A França racista*<sup>7</sup>, que permitem pensar a distinção entre dois tipos específicos de ódio sobre os quais gostaria de discorrer daqui em diante: o ódio passional ou expressivo e o ódio formal ou instrumental, este último caracterizando, ao que me parece, o representante afetivo do discurso racista perverso. O ódio expressivo ou passional é conjuntural e comandado por uma situação ou momento de um processo no qual o racismo se desenvolve assumindo uma forma exagerada. Ele aí traduz sentimentos mais ou menos complexos e mesclados de medo, exasperação, raiva, injustiça e abandono que acabam por se fixar sobre um grupo racial mesmo que este não seja a fonte de tais sentimentos. Este ódio expressivo se faz presente com freqüência em meios ou classes sociais caracterizados pela penúria, miséria, desemprego e exclusão social, que produzem não apenas condições de vida bastante degradadas, mas, também, a convicção de abandono e traição por parte da classe política e seus representantes, além do sentimento de se ter sido deserdado até mesmo pelos amigos e parentes mais próximos que tiveram condições de evitar esta situação tão humilhante. Em muitos destes casos o ódio se fixa na imigração, a qual se supõe que viva um processo exatamente inverso: ela invade um território e, desprezando seus habitantes, constrói suas redes de solidariedade, suas comunidades, sua vida religiosa e, enquanto o tecido associativo clássico se desfaz, aproveita-se das solitudes do

6. Sobre isto ver R. Miles, “Racisme institutionnel et rapports de classe: une relation problématique”, in *Racisme et modernité*, Paris, La Découverte, 1993.

7. M. Wieviorka. *La France raciste*. Paris, Seuil, 1992.

Estado e do poder político para perverter as instituições e a cultura tradicionais por meio de todos os tipos de abuso.

Este tipo de racismo fundamentalmente instável, tenderia a regredir em suas expressões mais odiosas contra os imigrantes sempre que os representantes do poder se mostrassem disponíveis a atender suas demandas de melhoria sócio-econômica. O ódio passional que o caracteriza parece não ser senão um momento de um processo de decadência e de exclusão social e mostra-se com efeito suscetível de dar lugar a outros sentimentos sempre que a decadência se acentua e a exclusão se radicaliza. Nestas condições sucedem-se o desencorajamento, a apatia e a retirada do investimento sobre o mundo, num movimento de isolamento crescente, levando a uma espécie de acomodação no que diz respeito ao destino e à própria situação, sobretudo nos indivíduos mais desfavorecidos. Nota-se, portanto, que a instabilidade deste ódio expressivo seria no mínimo dúbia, já que ele poderia se “resolver” tanto pela reversão do movimento de decadência social quanto pelo reforçamento da miséria e do isolamento.

Diferentemente deste tipo de ódio, o ódio formal ou instrumental apresenta características praticamente opostas. De acordo com a análise de Wieviorka, por exemplo, “ele estrutura o discurso e a ação racistas de uma maneira muito mais ordenada e também policialesca. Tal ódio dá um sentido à prática ao assumir a forma de um pensamento lógico-racional, constituindo uma doutrina, uma ideologia ou princípio que anima a atividade racista e a partir da qual ela coloca em ação estratégias, cálculos e formas de organização que na maioria das vezes mostram-se bastante metódicas”<sup>8</sup>. Nos casos menos graves, o ódio instrumental oferece apenas um quadro conceitual sem maiores consequências práticas, e permite àquele que o adota a interpretação de diferentes eventos que concernem a seu ambiente imediato ou fenômenos mais afastados de seu raio de alcance. Uma das manifestações mais comuns e mais abertamente racistas do primeiro tipo de análise, consiste em propostas radicais quanto aos imigrantes, como as que propõem o isolamento daqueles numa espécie de gueto físico-social onde eles poderiam matar-se uns aos outros. O que seria importante destacar nestes casos é que o ódio que atravessa constantemente este tipo de discurso é quase sempre cáustico, sereno, não desprovido de humor e proporciona uma resposta para todas as questões num tom não apenas reivindicativo, mas também argumentado e documentado em detalhes.

8. Cf. M. Wieviorka. “La haine raciste”, in P.L. Assoun e M. Zafirooulos. *La haine, la jouissance et la loi – Psychanalyse et pratiques sociales II*. Paris, Anthropos-Economica, 1995, pp. 39-40.

Naqueles casos que apresentam conseqüências bem mais graves, o ódio instrumental torna-se o motor de uma verdadeira máquina racista que funciona, em seu limite, nas mesmas condições de uma organização moderna como a que foi colocada em ação pelos nazistas, com sua lógica assassina de extermínio das raças inferiores. Comparando-o com o ódio expressivo ou passional, o ódio instrumental é estável e estrutural tanto a nível individual quanto coletivo, sendo que este último, a meu ver, ao possibilitar o estabelecimento de laços sociais perversos, assume um papel determinante em relação ao primeiro. Ultrapassando todos os limites de humanidade, e acreditando poder vencer toda e qualquer resistência que venha a se opor a ele, este ódio formal não deixa nenhum lugar para a paixão, a impulsividade e a espontaneidade, mostrando-se sempre muito bem controlado, ou melhor, autocontrolado. Se tomarmos mais uma vez o nazismo hitlerista como imagem exemplar da manifestação deste ódio notaremos que sempre que sua violência tendeu a se caracterizar por alguma espontaneidade passional, ainda que de algum modo orquestrada, foram necessárias medidas de controle que se desdobrassem em estratégias de um assassinato mais metódico. E assim tudo acabava por voltar ao seu “devido lugar”.

114

Não há dúvida de que esta diferenciação analítica entre um ódio expressivo e um ódio instrumental acaba por recobrir, de maneira bastante ampla, uma distinção de cunho mais sociológico entre os racismos infra-político e político ou de Estado aos quais se referem em termos diversos, como vimos, Hannah Arendt e Michel Foucault. Evidentemente a passagem do racismo ao domínio político, quer se trate neste caso de partidos ou de um Estado racista, assegura efetivamente uma gestão e uma formalização não apenas doutrinal e ideológica como também organizacional do ódio que, se não interdita totalmente suas expressões mais passionais, pelo menos as canalizam em proveito de modos de pensamento e de ação inscritos num processo de ativação mais longo e necessariamente mais frio e formal. Em termos mais práticos, a distinção que se tenta propor aqui não é necessariamente nítida e clara, já que as condutas de seus agentes raramente são puras em seus aspectos sociológicos. Algumas manifestações racistas combinam traços de um ódio mais popular com uma orquestração política que acaba por criar as condições necessárias para uma passagem ao ato. O que poderíamos deixar sugerido a título de conclusão, ainda que de uma maneira bastante tímida e prudente, é que talvez exista uma tendência no âmbito dos laços sociais que caracterizam as classes mais favorecidas a atuar como um facilitador na manifestação do ódio instrumental, enquanto esses mesmos laços nas classes menos educadas e mais desfavorecidas tenderiam ao ódio expressivo ou passional. Mas é óbvio que estas teses exigiriam novas reflexões e um outro trabalho que as comprovasse.

**Resumos**

*Este trabajo tiene como objetivo abordar el tema del racismo através de una análisis que destaca sus aspectos discursivo e afetivo. Con este proposito, utilizamos las tesis de pensadores como Hannah Arendt y Michel Foucault para fundamentar una perspectiva historico-filosofica sobre el discurso racista, y la comprensión psicoanalítica para caracterizar las diferentes formas de expresión del odio racista.*

*Ce travail veut aborder le sujet du racisme d'une perspective qui souligne ses aspects discursif et affectif. Pour le faire nous recourons aux thèses de penseurs comme Hannah Arendt et Michel Foucault, qui nous donnent les fondements d'un point de vue philosophique ainsi que historique de le discours raciste, et a la theorie psychanalytique qui nous permet de caracterizer les différents façons de expression de la haine raciste.*

*This paper wants to discuss the problem of racism analysing it from the standpoint of discourse and affect. In this way we develop some of the thesis of Hannah Arendt and Michel Foucault, which allows us to understand the problem in both philosophical and historical dimensions, and some aspects of psychoanalytical theory which presents the different forms of expression of racist's hate.*